



doi: 10.20396/rfe.v11i3.8655610

A natureza da filosofia e seu ensino: reflexões a partir da proposta educacional kantiana

The nature of philosophy and its teaching: reflections from the kantian educational proposal

João Paulo Silva Martins¹

Resumo:

O trabalho que aqui se propõe tem por objetivo analisar as obras de Immanuel Kant buscando sintetizar suas contribuições para a compreensão da filosofia enquanto atitude filosófica, num diálogo com as pedagogias ativas, bem como refletir sobre os métodos para o seu ensino. A pesquisa partirá de um viés bibliográfico a fim de trazer os conceitos de autonomia e esclarecimento para uma reflexão sobre os métodos adequados para o despertar de uma consciência filosófica. Embora distante de sua finalidade, a educação deve manter-se em constante busca por melhorias, pelo desenvolvimento da humanidade em todas as suas esferas.

Palavras-Chave: Filosofia da Educação. Atitude Filosófica. Immanuel Kant.

Abstract:

The aim of this work is to analyze the works of Immanuel Kant, seeking to synthesize his contributions to the understanding of philosophy as a philosophical attitude, in a dialogue with the active pedagogies, as well as to reflect on the methods for his teaching. The research will start from a bibliographical bias in order to bring the concepts of autonomy and enlightenment to a reflection on the appropriate methods for the awakening of a philosophical conscience. Though distant from its purpose, education must keep on constantly striving for improvements, for the development of humanity in all its spheres.

Key words: Philosophy of Education. Philosophical Attitude. Immanuel Kant.

1. Introdução

¹ Faculdade do Amazonas - FAMA

No tocante a filosofia e seu ensino, na Introdução à *Lógica*, Immanuel Kant afirma que o caráter educativo da mesma caracteriza-se pelo uso livre da razão, de modo a não ser apenas servil e imitativo. No que se refere ao método, em *A Metafísica dos Costumes*, diz-nos que o ensino da filosofia precisa ser sistemático e não fragmentado, retomando o princípio socrático do mestre enquanto parteira das ideias do aluno. Frente aos problemas da educação brasileira e dos constantes embates sobre a utilidade da filosofia no quadro de disciplinas obrigatórias ao Ensino Médio, cabe ao filósofo-docente um constante questionamento: Quais as possibilidades de se ensinar filosofia e quais os métodos pertinentes para o despertar da atitude filosófica?

A filosofia, por definição e método, caracteriza-se pelo amor (*philos*) à sabedoria (*sophia*), busca as possibilidades e as razões do aprender a aprender. Longe da conceituação, no entanto, aparece a prática docente no ensino da filosofia, ironizada por grande parte dos alunos que a acusam de desnecessária e desconexa da realidade. Por outro lado, há acusações de ser a filosofia – enquanto disciplina escolar – um meio de doutrinação político-partidária.

Segundo Serafim Leite (1948), o Ensino da filosofia no Brasil é quase contemporâneo da sua descoberta. O primeiro curso de filosofia que se leu no Brasil ocorreu no ano de 1572. Ainda que com o viés catequético dos jesuítas, Aristóteles e Tomás de Aquino se tornam clássicos nesta primeira fase da educação brasileira. O Ensino da Filosofia, todavia, partindo do período colonial, veio oscilando no decorrer de nossa história, ora obrigatória, ora optativa, de acordo com os princípios da legislação e agendas de governos vigentes.

Percebemos, diante disso, que a filosofia – a assim como as demais disciplinas da Base Comum Curricular – vem trabalhando segundo projetos superiores a si, atendendo a demandas e visando objetivos que estão aquém de seu real objetivo: o uso autônomo da razão.

A obrigatoriedade do ensino da filosofia foi aprovada, juntamente com a sociologia, no currículo de todas as séries do Ensino Médio a partir

da Lei 11.684/08, de 3 de junho de 2008. Obrigatoriedade esta que foi posta em questão pela reformulação do ensino médio, não recebendo seu devido valor pelos órgãos governamentais, pelas instituições de ensino, discente e mesmo docentes que demonstram descaso e falta de expectativas frente ao ensino desta disciplina.

No que diz respeito às finalidades da Filosofia, é característico da própria tradição filosófica associá-la a liberdade de pensamento e a análise crítica da realidade; no entanto, a prática escolar mostra-se ainda distante deste fim. A Filosofia vem tornando-se uma disciplina histórica, na qual o aluno precisa lidar com um emaranhado de recortes de textos filosóficos, memorizar conceitos-chave e reproduzi-los nas avaliações. Em outro extremo, temos a Filosofia como uma disciplina de aconselhamento, onde os bordões filosóficos assumem um caráter de autoajuda e motivação. Estas duas vertentes tornaram-se costumeiras no ensino de Filosofia, fazendo-a perder seu caráter crítico e investigativo.

O filósofo alemão Immanuel Kant apresenta de modo transversal em suas obras um plano de educação que visa à autonomia do educando frente ao seu próprio processo educativo, onde por meio do Método Socrático e das colaborações de Rousseau, propões uma Pedagogia que tenha como fim a saída do homem de sua menoridade, por meio de uma atividade de autoesclarecimento.

O trabalho que aqui se propões, objetiva retornar às obras de Kant como a finalidade de apontar direções e aguçar a reflexão sobre o ensino da Filosofia, transpondo a Filosofia da Educação para uma Educação Filosófica, ou seja, um ensino que parta dos conceitos históricos para a análise das estruturas individuais e sociais da contemporaneidade e que ao mesmo tempo parta dos problemas contemporâneos para às reflexões clássicas da Filosofia.

Diante disso, a pesquisa proposta faz-se relevante por apontar direções e métodos de ensino que insiram a filosofia no contexto daqueles a quem se pretende ensinar, e concernente a isso, levar a percepção da

realidade a patamares mais profundos, ocasionando na autonomia de ação que resultará paulatinamente em uma transformação social.

A reflexão sobre os métodos nos direciona ao uso de Metodologias Ativas, tema de grande relevância para a educação escolar contemporânea. Tal direcionamento visa construir um elo entre a filosofia e as demais áreas da educação, trazendo contribuições para os profissionais da educação dos mais diversos seguimentos, visto que o que aqui propomos não se trata de uma mera reflexão sobre o ensino de filosofia, mas a consolidação de um Ensino Filosófico de qualquer conteúdo ou área que requeira posicionamento reflexivo e capacidade crítica de quem ensina e de quem se pretende ensinar.

No que se refere às Metodologias ativas, pode soar contraditório relacioná-las à filosofia kantiana, que tem a disciplina como elemento primordial no processo de educação do sujeito, todavia, considerando que a filosofia enquanto disciplina escolar é posta como obrigatória apenas no ensino médio, pressupõe que a fase da coerção e inibição da “animalidade” já tenha ficado para traz. Do mesmo modo, como o título sugere, trataremos do problema da educação a partir dos textos de Kant, ou seja, tomamo-los como ponto de partida, não como linha de chegada, não nos limitando a manter-nos em concordância com o iluminista.

2. Filosofia da Educação e Educação Filosófica

É sabido que a Educação tem seu espaço em meio às reflexões filosóficas, e tais reflexões se consolidam a ponto de tornar a chamada “Filosofia da Educação” uma área específica do saber filosófico. Em contrapartida, há alargadas discussões sobre as tendências pedagógicas e os métodos adequados para o ensino e aprendizagem, porém o saber filosófico e sua relação com a educação não se limita aos métodos, mas também e principalmente pelo objeto de estudo, ou seja, aquele que é educado, a saber, o homem. A educação, deste modo, antes de ser filosófica é antropológica, e só torna-se um problema filosófico a partir da reflexão do homem sobre seu próprio ser. A hipótese para o questionamento central

deste trabalho encontramos subentendida no sistema filosófico kantiano. A pergunta fundamental da filosofia de Kant – o que é o homem? – está intrínseca em todo o desenrolar de sua reflexão sobre a educação. Educar o homem é desenvolvê-lo fisicamente como animal, epistemologicamente como ser racional, e moralmente como ser livre. Estes elementos constituintes do humano se encontram no despertar da autonomia. A pergunta que nos cabe, todavia, é sobre os meios pelo qual a autonomia pode ser ensinada.

Na introdução da *Lógica*, Kant nos traz duas definições distintas para a Filosofia: O conceito escolástico e o conceito cósmico. Assim se posiciona:

A filosofia é, pois, o sistema dos conhecimentos filosóficos ou conhecimentos racionais a partir de conceitos. Tal é o *conceito escolástico* desta ciência. Segundo o *conceito cósmico*, ela é a ciência dos fins últimos da razão humana. Esta noção eleva e confere *dignidade* à filosofia, isto é, um valor absoluto. E, de facto, só ela possui valor *intrínseco*, só ela confere valor aos outros conhecimentos. (KANT,2009, p.11. Itálicos do original).

Diante o exposto, percebemos que – segundo Kant – a filosofia não é um meio para que se chegue a um fim, mas ela encontra em si mesmo sua finalidade, possibilitando melhorar as relações daquele que a aprende com as demais áreas do conhecimento. A fundamentação lógica que requer o discurso filosófico traz implicações, por exemplos, nos estudos das áreas de linguagem, melhorando o desempenho daquele que se propõe a aprendê-la, visto que a filosofia “possui um nexo sistemático e confere unidade sistêmica a todas as outras ciências” (KANT,2009, p.12).

É só por meio de uma visão filosófica das demais áreas do conhecimento que se faz possível pensar a interdisciplinaridade dentro do contexto escolar. “Apesar de a filosofia ser uma disciplina *a priori*, a informação empírica pode ser relevante em muitas das suas áreas. Essa informação, contudo, é geralmente fornecida pelas outras disciplinas, e não pela filosofia em si”. (MURCHO, 2008, p.84).

Deste modo, a filosofia tanto contribui como recebe contribuições das demais áreas do conhecimento. No entanto, sua maior distinção das demais não se dá – necessariamente – pelos objetos de estudo, mas pela forma como se lida com os mesmos. A filosofia é uma reflexão aberta sobre os fatos², e deve despir-se do autoritarismo mesmo diante dos clássicos. O saber filosófico não deve ser dogmático nem tão pouco impositivo, mas, pelo contrário, fundamenta-se pela liberdade e autonomia. Tal era a lema do Iluminismo: “*Sapere Aude!* [Ouse saber!] Tenha coragem de fazer uso do teu próprio entendimento!” Diz-nos Kant em *Resposta à pergunta: Que é Iluminismo?* (2004, p.11).

A filosofia, enquanto atitude filosófica deve não apenas possibilitar, mas também motivar a autonomia de pensamento. Não deve ser um plantio de preconceitos – como menciona Kant no texto supracitado – mas deve ser um meio para que o educando possa desenvolver suas habilidades racionais afim de ser capaz de guiar-se pelo próprio entendimento.

Dizer que a filosofia não é um meio, mas um fim parece ir à contramão das propostas da Base Nacional Curricular para o ensino da filosofia (diante da nova reformulação do Ensino Médio, a filosofia aparece inserida na área de Ciências Humana e suas Tecnologias). O ensino da filosofia e das demais disciplinas do círculo das ciências humanas tem, nos

² Diante do cientificismo que impera sobre a Educação contemporânea, a filosofia parece perder sua importância justamente por não trazer resultados significativos para aquilo que hoje se entende por conhecimento científico. Daí deriva o posicionamento sobre a [in]utilidade da Filosofia. Desidério Mucho deixa o seu posicionamento, sobre o qual nos apoiamos ao defender a proposta que aqui apresentamos: “O cientismo que desconfia do caráter *a priori* da filosofia é uma manifestação do desconforto perante a falta de resultados consensuais. Caso em filosofia se tivesse produzido inúmeros resultados nos últimos duzentos anos, nomeadamente tecnológicos, já o caráter *a priori* da filosofia não seria chocante. Contudo, os problemas da filosofia existem realmente, tenhamos ou não resultados e tenhamos ou não metodologias aceitáveis do ponto de vista do cientismo. Os problemas da filosofia não desaparecem se fingirmos que não existem só porque não temos métodos empíricos que sejam vistos como científicos pelo partidário do cientismo. A filosofia não é uma invenção ociosa de problemas fantasiosos porque mesmo para mostrar que alguns problemas da filosofia são pseudoproblemas é preciso argumentar filosoficamente.” (MUCHO, 2008, p.85).

documentos oficiais da Educação Brasileira, a finalidade de preparar o educando para o exercício da cidadania, o que, segundo Kant, seria incoerente com a própria natureza da filosofia, pois ela não tem como característica o ensino de valores e princípios, mas a capacidade de pensar por si mesmo e fundamentar sobre si seus próprios deveres, “fazendo uso livre e autônomo da sua razão, e não de modo servil e imitativo” (KANT, 2009, p.14).

Para Kant, não é possível ensinar a Filosofia, visto que a mesma – enquanto atividade filosófica – é única e particular, sendo que o estudo que fazemos dos grandes nomes de sua história só pode ser um estudo histórico, longe da livre expressão. Se o aluno apenas memoriza citações, este saber é mecânico e não reflexivo.

Da diferença aduzida entre os conhecimentos *objectiva* e *subjectivamente* racionais depende-se, sob certo aspecto, se poderia apenas aprender filosofia, sem conseguir filosofar. Portanto, quem pretende tornar-se verdadeiro filósofo deve **exercitar-se** a fazer da sua razão um uso livre e não apenas imitativo e, por assim dizer, mecânico. (KANT, 2009, p. 10. Itálicos do original; negritos nossos).

Destacamos aqui a descrição do aprender a filosofar enquanto exercício. A Filosofia não se aprende – nem se ensina – enquanto teoria, mas enquanto prática do exercício da razão. É como ensinar a pintar quadros ao invés de ensinar a história da Pintura, diz-nos Kant em seu texto *Anúncio do Programa do Semestre de Inverno* de 1765-1766. Deste modo, a proposta educacional kantiana permite que “o educando seja concebido como sujeito ativo do processo educativo, e não mais como um expectador passivo. Tal reviravolta está na base da ideia democrática de educação defendida por teorias pedagógicas contemporâneas” (DALBOSCO, 2011, p. 13).

Kant, todavia, não desconsidera o conhecimento histórico da filosofia por meio do manuseio de seus textos clássicos, pelo contrário, afirma que à mesma, “segundo o conceito escolar, incumbem duas tarefas: Primeiro, uma provisão suficiente de conhecimentos reais; depois, um

conjunto sistemático destes conhecimentos, ou seja, a conexão dos mesmos na ideia de um todo” (KANT, 2009, p. 12). Com estas afirmações, Kant nos sugere que a bagagem história é um meio para o qual a filosofia enquanto atitude filosófica é fim. Não se deve parar nos teóricos, mas tão pouco caminhar sem eles. “Contudo, não basta que o estudante domine os instrumentos críticos da filosofia. É também preciso que tenha a informação teórica relevante” (MURCHO, 2008, p.93).

Esta compreensão da Filosofia enquanto disciplina escolar que visa o esclarecimento e autonomia dos educandos, no entanto, exigem de antemão que o Filósofo-docente tenha um grau de esclarecimento e maturidade afim de que possa conduzir e orientar seus educandos, e ao mesmo tempo dando abertura a si mesmo quanto à possibilidade de aprender enquanto ensina, aquilo que poderíamos conceituar como *Reciprocidade Pedagógica*.

Com a revolução pedagógica moderna, levada a cabo tanto por Rousseau quanto por Kant, abre-se a possibilidade, antes impensável nos marcos da pedagogia escolástica, para que o educador se coloque na posição de alguém que aprende, e o educando, por sua vez, como alguém que também pode ensinar. Sem as contribuições desses dois autores, seria difícil imaginar a reciprocidade na relação pedagógica e a desverticalização do autoritarismo pedagógico exigidos pelas tendências democráticas do pensamento educacional contemporâneo. (DALBOSCO, 2011, p. 107).

Em *Anúncio do Programa do Semestre de Inverno de 1765-1766*, Kant é objetivo ao nos apresentar algumas atribuições do Filósofo-docente:

Espera-se que o professor desenvolva no seu aluno, em primeiro lugar, o homem de entendimento, depois, o homem de razão, e, finalmente, o homem de instrução. Este procedimento tem esta vantagem: mesmo que, como acontece habitualmente, o aluno nunca alcance a fase final, terá mesmo assim se beneficiado da sua aprendizagem. Terá adquirido experiência e ter-se-á tornado mais inteligente, se não para a escola, pelo menos para a vida. (1992, p. 308).

O objetivo da educação escolar, a luz de Kant, não tem seu fim na própria instituição, mas da prática do educando. Não se prepara para provas, mas prepara-se para vida. Diante disso uma nova questão pode ser

levantada: a avaliação da atitude filosófica. Como acompanhar o processo de desenvolvimento do educando? Quando e sobre quais critérios considerá-lo apto para a fase precedente? Antes de apontar possíveis respostas, algumas observações prévias fazem-se necessárias.

O ensino da Filosofia, dos pré-socráticos ao surgimento das primeiras universidades na Idade Média, se dava de forma livre, sem vínculo algum com o estado. No entanto, quando as instituições de ensino passam a oferecer diplomas que possibilitavam a ingresso ao mercado de trabalho, este cenário começa a mudar. “A estatização padronizou o ensino, incluindo métodos, bibliografias, desenhos curriculares e avaliações, sendo neste contexto que devemos inserir alguns debates atuais sobre o que queremos que seja a universidade ou a escola”. (MURCHO, 2008, p.2).

Esta padronização do ensino exige do docente um postura avaliativa, visto que o objetivo o Estado atribui à educação escolar é a preparação ora para o mercado de trabalho (para o qual precisa desenvolver atividades específicas), ora para a ingresso nas fases procedentes da educação (que se dá, por exemplo, por meio de avaliações padronizadas, como é o caso do Exame Nacional do Ensino Médio). Se o educando não está apto para estas atividades, considera-se o fracasso da Educação/educador escolar. “A fuga do ensino da filosofia propriamente dito para a história geral da filosofia é precisamente uma resposta a esta dificuldade” (MURCHO, 2008, p. 6), ou seja, diante dessas avaliações não é a capacidade crítico reflexiva do indivíduo que entra em análise, mas apenas sua capacidade de reproduzir determinadas teorias ou ações.

O Filósofo-docente, diante desta realidade, precisa atender a estas necessidades – visto que precisa preservar sua própria colocação no mercado de trabalho – mas sem se limitar a ela, buscando um justo meio para sua prática docente.

Ensinar a filosofar é então uma questão de ensinar gradualmente algumas competências filosóficas centrais, ao mesmo tempo que ensinamos também alguns conteúdos filosóficos. Por sua vez, a avaliação, deste ponto de vista, é o terceiro vértice de um triângulo cujos dois outros vértices são as

competências filosóficas (o saber fazer da filosofia) e os conteúdos filosóficos (o saber-que da filosofia). O que avaliamos em filosofia, deste ponto de vista, é a proficiência do aluno no saber-fazer da filosofia, que se exerce sobre os conteúdos próprios desta área de estudos. (MURCHO, 2008, p.9).

Segundo o comentarista, a avaliação deve pautar-se sobre a atitude filosófica, e não a fixação de seus conteúdos. Deste modo, a metodologia a ser utilizada pelo Filósofo-docente deve ir de encontro com esta proposta, exigindo do mesmo maturidade e sapiência para lidar com a diversidade de conclusões que, a partir de determinado tema, os discentes podem chegar. É frente a isso que encontramos um grande empecilho no contexto da educação brasileira, na qual o docente lida com as superlotações das salas de aula e a burocratização do ensino, não lhe restando tempo hábil para repensar seus próprios métodos.

No que se referem aos métodos, Kant nos direciona à seguinte reflexão:

O método de instrução peculiar da filosofia é *zetético*, como alguns filósofos da antiguidade o exprimiram. Por outras palavras, o método da filosofia é a *investigação*. [...] Por exemplo, o autor filosófico no qual baseamos a nossa instrução não deve ser encarado como o paradigma do juízo. Deve ao invés ser encarado como a ocasião para que formemos o nosso próprio juízo sobre ele e, na verdade, contra ele. O que o aluno realmente procura é proficiência no método de refletir e fazer inferências *por si*. (Kant, 1992, p. 307; itálicos no original).

Em outro momento (2008, p. 321), é mais objetivo ao caracterizar o Método Socrático como mais adequado, visto que por meio da maiêutica o mestre “através de suas perguntas, norteia o curso do pensamento do seu jovem aluno”, ou seja, o mestre aponta a direção, mas permite o caminhar do aluno. As conclusões não são do docente, mas do próprio aluno que encontra aí a possibilidade de desenvolver seus próprios conceitos. O aluno, “assim que compreende que ele próprio é capaz de pensar”, reage

devolvendo ao mestre seus próprios questionamentos, tornando a aula um espaço de diálogo e liberdade de pensamento.

3. Metodologias Ativas e Atitude Filosófica: Reflexões conclusivas

Diante da proposta kantiana, faz-se necessário repensar tanto a prática docente quanto a formação dos mesmos, que precisa ir de encontro com essa necessidade.

A educação é uma arte, cuja prática precisa ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e assim, guie toda a humana espécie a seu destino. (KANT, 1999, p. 19).

Deste modo, faz-se relevante conhecer as mais recentes teorias educacionais a fim de encontrar nelas apontamentos pertinentes para educação filosófica. Borges e Alencar (2014) também nos leva a refletir, frente aos desafios contemporâneos, sobre a grande importância do desenvolvimento, por parte do docente, de habilidades didáticas suficientemente eficazes, que busquem visão de mundo, ciência, ser humano e educação, de forma compatível com a realidade atual.

Em direção a esta busca pelas contribuições de teóricos da educação para o ensino prático da filosofia, nos deparamos com o conceito de Metodologia Ativa, que segundo Borges e Alencar

tem sua criação no construtivismo, que na educação pode ser definido pelo conjunto de tendências atuais de pensamento educacional que propiciam a construção do conhecimento através das interações com o meio, onde se complementam de um lado estudantes e professores e de outro, problemas sociais atuais e o conhecimento já mapeado. (2014, p. 127).

A metodologia ativa, deste modo, apresenta possibilidades de pensar no ensino da filosofia enquanto Atitude Filosófica, que objetiva justamente esta conexão entre o saber já sistematizado e a significação particular daquele que a aprende, possibilitando a autonomia de pensamento e o respeito aos conhecimentos prévios do educando. Acreditamos também na possibilidade de diálogo com outros nomes da filosofia como meio de embasar nossas colocações. A visão pedagógica de Jonh Dewey (1912) parece ir de encontro com esta proposta, buscando caracterizar a filosofia não enquanto teoria, mas como “realidade viva” (Westbrook, 2010).

Para além dos conceitos pré-definidos, Galo e Aspis (2009) nos apresenta um método bastante pertinente para o Ensino da Filosofia, segundo o qual, o saber filosófico pode ser ensinado apoiado em quatro etapas: na primeira, “Sensibilização”, utiliza-se de elementos não propriamente filosófico como a música, um poema, uma matéria de jornal. O objetivo é possibilitar um envolvimento afetivo por meio do qual o estudante venha a se identificar com o conteúdo a ser ministrado. À segunda etapa dá-se o nome de “Problematização”, e seu objetivo é despertar o interesse do estudante por meio da transposição do tema em problema, isto é, em um questionamento. O terceiro momento, chamado de “Investigação”, caracteriza-se como percurso de pesquisa no qual o estudante recorre à história da filosofia em busca de solucionar o problema proposto. É o momento em que a leitura dos clássicos e dos comentadores é apresentada como desafio diante da problemática apresentada pelo professor. Por fim, na quarta etapa – “Conceituação” – se efetiva a prática filosófica, ou seja, o conceito filosófico encontra significado dentro da própria realidade do estudante.

Destacando a importância deste processo, os autores caracterizam tal método

Como um trabalho de pensar sobre si mesmo que faz com que crescamos e nos modifiquemos como pessoas. Sendo o ensino médio uma fase de

consolidação do jovem, de sua personalidade, de seus anseios, a filosofia tem aí um importante papel e colaboração. (GALLO; ASPIS, 2009, p.43).

Este papel e colaboração da filosofia, conforme entendemos, vai de encontro com o proposto por Kant. A proposta kantiana para a educação traz implícita a si o comprometimento com a realidade sócio política, afim de que seja construtora e não reprodutora da sociedade. Apresenta-se como comprometida com a emancipação do homem tanto como pessoa quanto como em coletividade. Seus objetivos e métodos direcionam a humanidade para o esclarecimento, autenticidade e cosmopolitismo.

Embora distante de sua finalidade, a educação deve manter-se em constante busca por melhorias, pelo desenvolvimento da humanidade em todas as suas esferas. Para que isso ocorra bons e generosos educadores são necessários. Visto que este esclarecimento só se faz possível pelo “esforço de pessoas dotadas de generosas inclinações, as quais se interessam pelo bem da sociedade e estão aptas para conceber como possível um estado de coisas melhores no futuro”. (KANT, 1999, p. 25)

Referências

BORGES, Tiago Silva; ALENCAR, Gidélia. *Metodologias ativas na produção da formação crítica do estudante: o uso de metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do ensino superior*. Cairu em Revista. Jul/Ago 2014, Ano 03, nº 04, p. 119-143.

DALBOSCO, Claudio A. *Kant e a Educação*. Coleção Pensadores e a Educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GALLO, Silvio; ASPIS, Renata Lima. *Ensinar Filosofia, (Um livro para professores)*. Ed. Atta: São Paulo, 2009.

KANT, Immanuel. *A Metafísica dos Costumes*. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2ª ed. rev., 2008.

KANT, Immanuel. *Anúncio do Programa do Semestre de Inverno de 1765-1766*. In *Theoretical Philosophy, 1755-1770*. Cambridge: University Press, 1992.

KANT, Immanuel. *Lógica*. [Excertos da] introdução. Universidade da Beira Interior: LusoSofia, 2009.

KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: o que é “esclarecimento”?*. In: Immanuel Kant A Paz Perpétua e outros Opúsculos. Lisboa, Edições 70, 2004.

KANT, Immanuel. *Sobre a Pedagogia*. Tradução de Francisco Cock Fontenella. 2ª ed. Piracicaba, SP: Editora Unimep, 1999.

LEITE, Serafim. *Decimalia - Ensino da Filosofia no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura e Educação, 1959.

MURCHO, D. *A natureza da Filosofia e seu ensino*. Dossiê Ensino de Filosofia. Revista Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 22, n. 44, p. 79-100, jul./dez. 2008.

RAMPAZZO, Lino. *Metodologia Científica: Para alunos de graduação e pós-graduação*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Filosofia da educação: construindo a cidadania*. São Paulo: FTD, 1994.

WESTBROOK, Roberto . TEIXEIRA, Anísio; ROMÃO, José Eustáquio; RODRIGUES, Verone Lane (org.). *John Dewey*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

Submetido em: 04/06/2019

Aceito em: 23/04/2020

Publicado em: 02/07/2020